

CYBERPUNK





CYBERPUNK

REGISTROS RECUPERADOS
DE FUTUROS PROIBIDOS

Organizado por

CIRILO S. LEMOS
ERICK SANTOS CARDOSO

1^ª EDIÇÃO



Editora
Draco
SÃO PAULO
2019

PREFÁCIO

“Amor em Antares” é um conto sobre o isolamento, ou, melhor dizendo, sobre amores possíveis em tempos de isolamento. Quando o escrevi, no primeiro semestre de 2019, a pandemia do coronavírus estava longe de se tornar realidade. A proposta que a Editora Draco tinha em mente envolvia a criação de histórias que seguissem a premissa cyberpunk: um mundo de alta tecnologia, mas de baixa qualidade de vida. Várias autoras e autores brasileiros de ficção científica foram convidados a criar realidades em que o progresso técnico é magnífico, embora não se possa dizer o mesmo das relações humanas e da forma como lidamos com questões éticas importantes.

Eis que, não mais que de repente, estamos experimentando uma realidade distópica bastante semelhante à de “Amor em Antares”. Enquanto escrevo estas linhas, um decreto veneziano acaba de determinar que os cidadãos não podem passar para além de duzentos metros de suas casas. Minha irmã e meu cunhado, em Bologna, estão isolados no apartamento deles, e saem apenas para ir ao mercado próximo. Um necrológio do jornal de Bergamo teve mais de doze páginas, dias atrás. A Itália parou, fronteiras foram fechadas na Europa toda. No Brasil, mal começamos a experimentar as restrições impostas pela pandemia global, e ainda há quem esteja vivendo em negação. A própria situação italiana evoluiu tão mal justamente em decorrência do negacionismo. Subestimaram a velocidade de disseminação do vírus. Ele até pode não ser tão letal, mas imagine milhares de pessoas adoecendo e precisando de cuidados intensivos, concomitantemente. Os hospitais italianos não suportaram, e corremos o risco de passar pelo mesmo.

É provável que as determinações de isolamento na realidade

brasileira venham a ser endurecidas nos próximos dias e você se veja como Marie, protagonista desta história: isolado em sua casa ou apartamento. Não interprete isso o que digo com o teor de uma previsão. Nós que escrevemos ficção científica gostamos de imaginar como o futuro será, e eu particularmente tenho inclinação otimista. Tendo a imaginar os melhores cenários. Não porque eu ache que eles se tornarão reais, mas como forma de dizer “isso seria possível, vamos fazer acontecer”. Mas, às vezes, é preciso considerar os piores cenários. Os estoicos costumavam praticar a antecipação do mal como forma de acautelamento. Para eles, pensar sobre o mal permite criar estratégias de afastá-lo. Se seremos capazes de fazer isso, eu não faço ideia. Não sei como nos sairemos em nosso quinhão de desafio no contexto desta pandemia global.

A São Paulo que você conhecerá em “Amor em Antares” é bastante semelhante à nossa atual e real distopia. Não somos tecnologicamente tão avançados quanto em meu mundo ficcional, mas em termos sociais há um ponto em que os universos se espelham: tanto no conto quanto na realidade, estar isolado, ter um lugar para ficar seguro, é um privilégio. Em “Amor em Antares”, isolados não interagem fisicamente, mas têm a internet à sua disposição, assim como tecnologia capaz de emular beijos e sexo.

E há os externos.

Os externos são pobres, não dispõem de recursos para viver em condomínios sofisticados. Eles até que protestam, mas não conseguem mudar nada. Vivem para servir os privilegiados, levando e trazendo coisas de um condomínio para o outro enquanto se expõem às mazelas de um ambiente inóspito que a própria humanidade fez acontecer. O ambiente de “Amor em Antares” foi detonado pelo nosso progresso em sua pior versão antiecológica e anarcocapitalista. Já no mundo em que eu e você estamos inseridos, a ameaça ambiental não foi criada por humanos, é natural, mas, assim como na ficção, há os isolados porque podem sê-lo. E há os externos, expostos a tudo. Eu poderia ter concentrado o enredo neste conflito, mas seria fácil demais. Conflito de classes é algo que já foi bastante abordado pela ficção científica. Eu queria contar outra história.

Queria contar uma história de amor.

Espero que ela ajude a aquecer seu coração nesses tempos difíceis que estamos vivendo. Enquanto você mergulha no mundo de “Antares”, quero que você lembre que, se você está em sua casa lendo

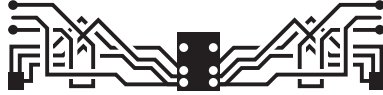
o meu conto em seu computador ou leitor digital, você é privilegiado. Se você sofre porque não pode ir pra academia ou pro cinema, lembre de quem nem água limpa tem para lavar as mãos quando chega da rua. Não peço que você pense nisso para sentir culpa. Peço que pense nisso para que lhe seja possível querer com todas as forças uma vida melhor para todos. Porque, acredite: apesar de tudo, há muito amor no mundo. Só por isso, vale a pena lutar por ele.

Lute!

Alexey Dodsworth
Outono de 2020.



AMOR EM ANTARES
Alexey Dodsworth



SEMPRE TIVE PROBLEMAS COM abstrações, tão mais graves se envolvessem definições acerca do amor. Já ouvi alegações de que a minha dificuldade em entender que o amor é *fogo que arde sem se ver, ferida que dói e não se sente* se deve ao fato de que eu só tinha oito anos quando mamãe me apresentou a essa passagem de Camões pela primeira vez. No entanto, já adulta, veja só, continuei na mesma por um bom tempo. As pessoas em geral acham essas definições bonitas, exemplos da antítese como figura de linguagem.

É nunca contentar-se de contente. Irritante. Como um fogo pode arder sem ser visto? Se uma ferida dói, então não se pode dizer que ela não seja sentida. Poesia e figuras de linguagem sempre fizeram doer minha cabeça. Mamãe, por sua vez, bastante ligada nesses lances de literatura, se via atormentada por meus questionamentos. Ela ainda não era a sombra que veio a se tornar, e se limitava a rir de minhas angústias infantis. Foi uma mulher alegre, a minha mãe. Sinto saudades.

Veja você como a coisa era grave: quando eu tinha cinco anos, surtei ao ouvir papai dizer para mamãe, entre um gemido e outro, *assim você me mata, querida*. Eu não queria que mamãe matasse papai, e não fazia ideia de por que ela o faria. Dei socos na porta do quarto até que eles a abrissem. Demorei um bom tempo para entender por que eles estavam segurando o riso enquanto me abraçavam. Foi minha primeira lição a respeito do mundo das palavras: elas não têm sempre significado literal. É um mundo difícil para quem, como eu, está no espectro autista.

Hoje em dia, admito uma desconfiança juvenil: eu suspeitava que as pessoas que dizem gostar de metáforas, prosopopeias, hipérbolos,

metonímias, anáforas e sei lá mais o que também não faziam ideia do que fosse o amor. Aos quinze anos, eu sustentava que as pessoas se apaixonam pelas palavras. Elas encontram parceiros que combinam sílabas de um jeito bizarro, veem sentido no caos e chamam a este hipnotismo de “amor”. Papai ficava na dele. Quanto a mãe, ela apenas sorria, condescendente. *Amor não passa de química*, eu repetia aos dezessete anos, em toda a minha dureza científica. *Desequilíbrio químico semelhante à adição por cocaína*. Ninguém estranhou quando passei na seleção universitária em sexto lugar, nem com o fato de que aos dezessete anos eu nunca tivesse beijado uma boca.

Dizem que a culpa era um pouco de papai. Quero contar sobre papai, Jean-Pierre Lambert, astrofísico famoso e respeitado. Até hoje as pessoas costumam me lançar expressões de incredulidade quando me descobrem filha de Jean-Pierre Lambert, o sujeito que descobriu três exoplanetas rochosos com alto potencial biofílico. Elas dificilmente sabem o que “biofílico” significa, mas fingem entender o que é uma coisa *que dói e não se sente*. Isso até hoje me deixa puta.

Mas quero falar de papai. Há uma lembrança de meus sete anos que explica bem o homem que ele foi e a mulher que me tornei. Ciente de minha alta curiosidade científica, ele me contou que os átomos de ouro em nosso planeta não foram fabricados em nosso Sol, e sim em explosões de supernovas.

– Então sua aliança de casamento existe porque uma estrela morreu? – perguntei.

Ele sorriu enquanto explicava. Lembro-me bem disso. Papai sempre fazia isso quando me explicava algo, e era um sorriso que envolvia os olhos, sabe?

– Tudo o que existe, só existe porque algo deixou de existir, Marie. Em seu corpo, por exemplo, há moléculas de água que um dia foram parte dos corpos de dinossauros.

Arregalei os olhos com a informação. Na época, eu ainda tinha ambos.

– Então todo mundo é um pouco dinossauro?

– Siiiiim! E o dinossauro vai comer sua barriga!

– Não, papai!

E eu corri pela casa às gargalhadas com papai a rugir atrás de mim. A verdade é que Jean-Pierre Lambert, o astrofísico que entendia

tudo sobre cometas e exoplanetas, era apenas um personagem muito bem ensaiado ao longo de anos na universidade. O *verdadeiro* papai era o homem feito com moléculas de dinossauro que sem muito esforço me capturava, me jogava no sofá, enfiava a cabeça em minha barriga e fazia sons de peido com a boca. O amor, para mim, sempre foi esta recordação. O resto não passava de tolice metafórica e metonímica. Pena que a morte, sempre ela, estragou tudo.

31 de maio de 2040, uma quinta-feira banal, foi o dia da morte de meu pai. Eu tinha acabado de completar dezoito anos e, para contragosto de mamãe, ele havia decidido que estava na hora de a filha deles sair do condomínio para conhecer o exterior. Seria meu presente de aniversário. Eu só queria um fim de semana de realidade virtual na Sicília, mas papai queria que eu tivesse uma aventura. Ele e mamãe quebraram o maior pau.

– Marie só conhece o mundo através das roupas de realidade aumentada, querida. Um passeio pela Zona Preservada vai fazer bem pra ela. Ver animais naturais em vez de holoprojeções. Tocar neles. Sentir a terra sob os pés...

– ...Ter risco de câncer por conta dos raios ultravioleta. Respirar ar imundo, entupir os pulmões com partículas de chumbo... Você quer *mesmo* expor sua filha à cidade de São Paulo, Jean-Pierre? Francamente...

– Ora, eu não sou nenhum irresponsável, Valentina. Até parece que não me conhece! Eu tenho tudo planejado. Vamos de carro. A vistoria foi feita, e os filtros estão ótimos. A Zona Preservada é como o nome diz: *preservada*. Eu ajudei a projetá-la, você sabe disso. A cúpula filtra o ar, protege contra...

– Tá certo, tá certo, eu conheço essa conversinha de cor. *Eu* não quero ir, ok? Não faço a menor questão de sair de casa – a voz de mamãe de repente se tornou doce. – Vão e voltem antes do jantar. Você prefere que eu imprima picanha ou atum no reator, Jean?

– O que você quiser, meu bem. Acho que atum.

Eles se beijaram pela última vez naquela manhã de fim de maio, e papai nunca mais comeu atum nem coisa alguma. Ao longo do trajeto passamos no meio de uma guerra de gangues, conflito típico dos externos. Papai, sempre tão inteligente, havia economizado na única coisa indispensável: blindagem. Uma bala o atingiu na nuca,

matando-o no ato. Outra pegou lateralmente meu olho esquerdo, dilacerando-o. O sistema inteligente parou o carro e acionou a milícia local, que chegou bem rápido e foi bastante gentil, cobrando da família apenas meio bitcoin. Naquele momento, ao ver meu pai morto diante de mim, entrei em choque e fui tomada por tamanha anestesia que não me dei conta de também ter levado um tiro. *Ferida que dói e não se sente.* Aquela foi a minha primeira possibilidade de entendimento das palavras de Camões.

Papai morreu, e eu nunca mais amei homem algum. Meu interesse romântico e físico pelo sexo oposto é nulo. Tão vazio quanto o buraco que passou a existir no lugar de meu olho esquerdo. Pois bem: minha história é sobre esse buraco, e ela é uma história de amor.

Ajustem seus sensores de realidade expandida e venham comigo. Se precisarem interromper nossa jornada por quaisquer necessidades do mundo físico, basta que digitem o botão de pausar e se reinseriram na narrativa quando puderem e quiserem. Relutei muito antes de transmitir este relato, mas ele talvez seja útil para alguém. Talvez ensine uma ou duas lições sobre o que é, afinal, essa coisa estranha que a gente chama de amor.



Todo mundo consegue indicar quatro ou cinco datas marcantes na própria vida. A minha é, sem dúvida, 31 de maio de 2040. O dia em que completei dezoito anos. Este é o primeiro “quando” que quero mostrar pra você.

Meu presente de aniversário deveria ter sido um passeio de algumas horas pela Zona Preservada de São Paulo, único lugar da Zona de Livre Mercado onde ainda há verde e alguns animais. Único lugar fora dos condomínios onde seria possível caminhar livre de filtros respiratórios ou películas de proteção anti-UV. Dizem que as coisas eram diferentes nas primeiras décadas deste século, dizem que as pessoas andavam pelas ruas e interagem ao vivo, mas eu mesma não sei. Acho difícil de acreditar que as coisas não tenham sempre sido do jeito que hoje são. Papai dá aulas para o planeta inteiro a partir do conforto e segurança do mesmo quarto onde dorme. Mamãe é editora, e passa o dia praticando ginástica e avaliando livros na sala de casa. Eu estudo em uma escola cujas aulas ocorrem

em ambientes de realidade virtual. As roupas sensoriais ubíquas permitem sentir o vento, o sol, a chuva. Eu sinto o cheiro de flores que jamais toquei e a sensação das ondas de um mar onde nunca nadei. Com toda a tecnologia disponível, por que alguém assumiria os riscos das interações naturais?

Difícil acreditar que isso já foi diferente. Mais difícil ainda é acreditar que exista quem agüente viver fora dos condomínios. Me refiro aos externos. Não que eles tenham opção, é claro. Sem dinheiro, ninguém tem opção na Zona de Livre Mercado, e cada um comercializa o que tem. É em meu aniversário de dezoito anos que eu vejo um externo pela primeira vez. Ele traz vegetais de outro condomínio. A pele de seu rosto é marcada de uma forma bem estranha. Papai me explica que é uma coisa chamada “rugas”. Acho aquilo horrível, mas mamãe diz que a desigualdade entre os homens é natural. Papai discorda, e a acusa de naturalizar uma construção social. Não é a primeira vez que testemunho uma discussão entre os dois por conta de diferenças ideológicas. A de hoje é só mais intensa.

Hoje eu faço dezoito anos, em uma quinta-feira banal de maio, e meu presente de aniversário deveria ter sido uma caminhada de mãos dadas com papai. Note que raramente vem coisa boa quando a gente conjuga demais o futuro do pretérito. Deveria, poderia. Passearia. Em vez disso, a cabeça de papai explode e eu ganho um olho artificial. Tecnologia de ponta. Se você chegar bem perto e tentar encontrar diferenças entre meu olho artificial e o natural, não as identificará. Ele é, de fato, uma excelente reprodução do que a natureza me deu e a bala perdida levou. Havia outras opções bem interessantes disponíveis. Olho biônico com função de visão noturna. Olho-drone capaz de alçar voo e tirar fotos do exterior dos condomínios. Por que alguém quereria tirar fotos do horroroso mundo exterior repleto de gente pobre e seus cânceres de pulmão e de pele eu não sei, mas cada um com seu fetiche. De todo modo, não temos dinheiro para sofisticções, e estou bastante satisfeita com o olho novo.

O seguro de vida de papai não cobre exposição voluntária a situações de alto risco, de modo que não temos direito a nada. Os bitcoins para situações de emergência são gastos com hospital, olho novo e com a cerimônia de despedida do papai. Não fosse aquela reserva, teríamos

que pagar um dos exteriores para enterrar seu cadáver na Zona Lixo. Consideramos pagar alguém para cremá-lo, mas ouvimos dizer que alguns exteriores fazem churrasco com os corpos e os comem. A hidrólise alcalina é uma alternativa bastante cara, mas é a única digna. Contratamos os serviços de uma especialista em funerais, e ela organiza uma cerimônia de gosto discutível. Testemunho o corpo de papai se converter em água ao som de *Numbers*, do Kraftwerk. Suco de papai. O líquido que é seu corpo então circula borbulhante diante de meus olhos, mas só o direito coça e arde de uma forma estranha, e eu penso em velociraptors. *Moléculas de dinossauro*, digo, distraída.

– Hã? – balbucia mamãe, emergindo de sua própria escuridão.

– Esse aparelho horrível de hidrólise parece uma máquina de lavar.

Mamãe nada responde, paralisada a ver o corpo dissolvido de meu pai, que escorre rumo ao esgoto enquanto Kraftwerk canta *eins, zwei, drei, vier, fünf, sechs, sieben, acht* e a especialista em funerais executa uma performance solo de dança exótica. O balé bizarro faz parte do pacote, e é anunciado como uma “coreografia quântica”. Desejo que ela morra dissolvida em ácido fluorantimônico, enquanto estendo a mão para que mamãe a segure, e esta é a última vez que nos tocamos de verdade. Ela já não saía do condomínio, antes da tragédia. A partir de maio de 2040, ela jamais sairá do próprio quarto. Passará o dia imersa em realidade virtual, a interagir com os milhares de arquivos de memória de papai.

Pena que sejam todos aulas de astrofísica.



Estamos em setembro de 2040, e mamãe não parece se importar com o fato de que “papai” não responde ao que ela pergunta.

– Querido, o que você acha de nos projetarmos em uma praia baiana no próximo fim de semana? Vi umas paisagens de meados do século XX no catálogo, acho que você vai adorar aqueles mares!

A menção a “mares” aciona um dos holoarquivos de papai.

– Europa, lua de Júpiter, possui um oceano mais vasto que o terrestre. Coberto por uma camada de gelo, desconfia-se que abrigue um ecossistema rico em bactérias psicrófilas.

– Que bom, querido! Sabia que você ia gostar da ideia. Te amo.

Com o tempo, esse hábito triste e macabro atinge um patamar

insuportável. Não me entenda mal, eu não tinha a intenção de espiar mamãe. O problema é minha maldita audição, ela é acurada demais. De início fico feliz ao constatar, pelos gemidos e sussurros, que mamãe havia encontrado um amante. Minha alegria, contudo, vai pro espaço quando os arquivos web mostram que ela havia encomendado uma roupa virtual construída à imagem e semelhança de papai. Ela agora faz sexo virtual com desconhecidos após pedir que vistam a aparência do marido morto. Eu não tenho coragem de confrontá-la a esse respeito, daí gasto o que me sobrou de bitcoins com um psiquiatra muito bem recomendado. O mesmo que mamãe frequentou por um tempo.

– Não há nada de errado com sua mãe – diz o médico. – Todas as pessoas têm fantasias sexuais, e a dela é compreensível. Ela sente saudade de transar com o marido, ora.

– O senhor não está me entendendo – argumento.

– Então me explique – ele interrompe. – E pode me chamar de Gabriel.

– Ok, Gabriel. Veja só, mamãe não interage com ninguém! Ela mal fala comigo! Passa o dia conversando com registros de memória de meu pai!

– Esses hábitos que você descreve a impedem de dormir?

– Não. Ela se enche dos remédios que o senhor passou e cai dura.

– O trabalho dela foi prejudicado de alguma forma?

– Bem... na verdade, não. Mamãe tem trabalhado dobrado pra compensar a falta do salário de papai. Ela entrega tudo sempre antes do prazo, mas...

– Mas...? – ele me pergunta, e me olha como se eu fosse idiota.

– Não é normal, doutor. Não é normal que uma pessoa só queira se relacionar com as memórias do marido morto.

– Você sente ciúmes, Marie?

– O quê? Eu não...

– Veja, é natural sentir isso. Seu pai se foi, mas ainda assim sua mãe consegue manter um vínculo com ele. Talvez você quisesse mais atenção por parte dela. Talvez se sinta culpada pela morte de seu pai.

– Culpada? Mas por quê...?

– Ele morreu por querer te dar um presente de aniversário, não foi?

– Eu não me sinto culpada por isso, sinto raiva! Eu nem queria

ir até a porra da Zona Preservada, queria uma viagem holográfica para a Sicília de 1990!

– Quer falar sobre essa raiva? Há muita mágoa em sua voz.

– Não, doutor, não quero. Eu quero falar sobre os problemas de mamãe.

– Marie, as pessoas são livres para serem felizes do jeito que quiserem.

– “Livres”? “Felizes”?

– O que eu vejo é uma pontinha de inveja, Marie?

– Doutor... faça-me o favor...

– Preocupe-se menos com os pequenos prazeres de sua mãe, e mais com seus próprios problemas.

– Que problemas?

– Por que você se projeta virtualmente com essa imagem meio gorda?

– Eu me projeto do jeito que eu sou, doutor Gabriel.

– Você acha que faz isso para afastar as pessoas?

– Doutor, eu...

– Desculpe interromper, Marie, mas seu tempo está prestes a acabar. Autorize o pagamento de 20 bitcents, e terá mais dez minutos. Acho que podemos discutir seu impulso de se esconder por trás de toda essa gordura. Posso receitar...

– Não, não quero. Mas obrigada.



O ano de 2040 se vai, 2041 vem, e meio a contragosto eu passo a considerar que talvez doutor Gabriel tenha razão, e a errada seja eu. Tento entrar no jogo de mamãe, e ela se mostra bastante empolgada com meu súbito interesse. Visto as roupas de realidade ampliada e fazemos um jantar em família. Papai surge em sua melhor forma. Ele sorri, mas eu não. Por mais que eu faça de conta, é impossível esquecer que o sorriso de papai não é para nós. É a gravação de uma holoconferência de cinco anos atrás sobre exoplanetas.

– Querido, veja que maravilha, Marie decidiu jantar conosco! – diz mamãe.

A imagem de meu pai se empertiga na cadeira, os pixels tremem, e ele declara, orgulhoso:

– Muitas são as maravilhas que se descortinam diante de nós com a descoberta de mais trinta e sete exoplanetas rochosos orbitando suas respectivas estrelas na zona de habitabilidade. A União Astronômica está exultante!

– Nós também, meu amor, nós também – responde mamãe. – Veja, fiz seu prato favorito! O novo modelo de reator de clonagem celular faz atuns muito mais frescos. Não é mesmo, Marie?

Diante de meu silêncio, mamãe me fuzila com o olhar.

– *Não é mesmo*, Marie?

– Absolutamente de acordo, professora Claire – dispara o holograma de papai, interrompendo a tensão do momento. – A perspectiva é de que, com o novo modelo Kepler de telescópio espacial, sejamos capazes de aumentar em 30% o catálogo de exoplanetas nos próximos cinco anos. O doutor Kincaid aqui presente me acusará de otimismo irrefreável, não é mesmo, doutor Kincaid?

– Mamãe... – eu digo, pouco antes de trazer o garfo à boca. – Sua comida é sempre a melhor.

Eu não havia chorado ao ver papai morto com a cabeça explodida ao meu lado. Não havia chorado ao ver seu corpo ser convertido em água. Moléculas de dinossauros. Segundo mamãe, eu não chorei nem quando nasci. Mas, nesta noite de janeiro de 2041, pela primeira vez em minha vida, eu espalho dinossauros em meu traveseiro até adormecer.



2045 é o ano em que me formo em engenharia química. A vida universitária melhora bastante minha capacidade de interação social. Ainda sou péssima para entender as sutilezas emocionais alheias, mas havia superado a fase retraída. Não que eu tivesse escolha. Era isso, ou passar o dia ao lado de mamãe e fingir que papai estava presente.

Passo a frequentar bares, restaurantes e discotecas virtuais. São lugares divertidos, se você tiver recursos para frequentá-los. Meu salário como professora de química não é o ideal, mas eu às vezes ganho montes de bitcoins com uns tarados que compram roupas íntimas usadas pela web. Pra você ver como o negócio é lucrativo, os tarados não se satisfazem com calcinhas impressas no conforto doméstico. Eles chegam a pagar externos que transitam de um

condomínio para outro com suas motos movidas a gás para fazer a entrega de roupa íntima feminina. Ganham os externos, ganho eu, os tarados se masturbam, e ficamos todos satisfeitos. Como a demanda de calcinhas é alta, eu apelo para um truque: imprimo uma atrás de outra em uma impressora programada para fazê-las com aspecto velho e esfarrapado. Daí pingo um pouco dos feromônios que desenvolvo na cozinha, e *voilà*: calcinha artificialmente suada, odor indistinguível do natural. Estudar química tem de servir para alguma coisa, não é mesmo? Ganho tanta grana com o mercado livre de roupa íntima que passo a frequentar as melhores baladas. As roupas de realidade aumentada me abrem as portas das boates.

O mês é maio, novamente meu aniversário. Vinte e três translações, papai diria. Saio para comemorar em uma festa com músicas da década de 10, e é aí que me apaixono pela primeira vez. A moça dança no meio da pista, alucinada e linda ao som de *I'll be There*, de Jess Glynne. Não consigo tirar os olhos dela. Seu corpo é pura sincronia com a música.

Oh, oh, I'll be there, when you need a little love, I got a little love to share...

– Gata, né? – comenta um desconhecido ao meu lado. Me viro e dou de cara com uma holoprojeção fuleira de James Dean. Os cabelos têm a cor errada. Ele continua: – O nome dela é Seon. Dizem que se projeta usando a própria imagem.

– Sério? – pergunto, com disfarçado desinteresse. É bom saber o nome dela. Seon rodopia, movendo os braços de um lado para o outro, em explosiva felicidade. Ela sorri, seu olhar cruza com o meu e se sustenta por dois segundos a mais do que o normal, e tudo parece ser invadido pela música.

...Oh, I swear, I got enough love for two, ooh, ooh, ooh...

– Sério. Tudo bem que ela é gata pra caralho, mas por que não mudar nada?

Seon olha novamente em minha direção. De novo, percebo que seu olhar se sustenta por alguns discretos segundos a mais. *When you're lost down the river bed, I'll be there*. Os últimos anos me ensinaram essas sutilezas do processo de flerte. O que normalmente é instintivo, em mim é aprendido. Não estou maluca. Seon dança com maior entusiasmo, olha para mim e sorri. *When you're lost in the darkness, I'll be there*. Impossível negar seu sorriso não-genérico, totalmente endereçado.

– Ela podia se fazer mais alta. Ela é gata, mas baixinha – diz a pessoa travestida de James Dean. Ele interrompe as digressões por um segundo e me olha de cima a baixo. – Ei, curti sua personagem. Gordinha natural, sardas, ruiva... Uns caras aqui têm fetiche nisso. Tu é mulher mesmo, né?

– Não, eu sou um homem de setenta anos – respondo, sem nem mesmo olhar para ele, e caminho na direção de Seon. O sorriso dela se expande ainda mais, e os olhos o acompanham. Adoro a forma como ela sorri. Vai tudo junto: boca, olhos, dá pra ver até as orelhas levemente erguidas. Eu sempre dancei muito mal, mas até que estou me virando bem agora. Há coisas que a gente não conhece, mas o corpo sabe. Seon abre espaço, se aproxima sorrindo, e dançamos juntas como velhas conhecidas.

When you still can't feel the rhythm of your heart...

– Oi! – grito. – Meu nome é Marie!

Seus olhos brilham e ela grita de volta o que eu finjo ser pura novidade.

– Prazer! Meu nome é Seon!

Vasculho rapidamente a boate em busca de James Dean, ele até que foi útil. Já sumiu. Deve ter desconectado ou vestido outra forma. *And you see your spirit fading in the dark.* Eu e Seon nos beijamos. É meu primeiro beijo. Se você estivesse em minha casa neste preciso momento, me veria enfiada em um colante inteiriço preto a dançar sozinha no meio do quarto e a agarrar o nada com as mãos. A beijar o nada. Mas as aparências enganam. A verdade é que, pela primeira vez em tantos anos, eu estou repleta de tudo. Tesão, alegria, música, dança. A boate se inunda com uma luz vermelha vinda do alto de um cilindro que lentamente se ergue diante de nós. Acho que vi isso em alguns arquivos históricos. Talvez seja um farol.

É. Talvez seja.



2045. Os meses passam, e meu namoro com Seon segue de vento em popa. Ela estuda astronomia. Comento que meu pai era astrofísico, mas não entro em detalhes. Não gosto tanto de pensar em papai, agora que ele se tornou um fantasma desagradável em minha casa.

É novembro, aniversário de seis meses de namoro, e temos razões

para comemorar em dobro. Seon acabou de ganhar uma bolsa de estudos para seguir uma pós em astronomia fora da Zona de Livre Mercado. Noruega. Os noruegueses são meio antiquados, não costumam aceitar alunos holoprojetados. Achrom que a presença física é fundamental no processo educativo. Fiquei sabendo que eles nem têm condomínios, costumam circular pelas ruas, que, pasmem, são limpas e respiráveis. Felizmente, para nossa sorte, os recrutadores se impressionaram com as notas de Seon e abriram uma exceção para que ela frequente as aulas com as roupas de realidade aumentada.

– É a cereja do bolo em minha carreira – diz Seon. – A bolsa da Mensa cobre tudo. Tive muita sorte. A atual gestão curte muito física teórica.

– Mensa? Aquele clube de superdotados? Eles que concederam a bolsa?

– Sim. Bolsa Stanquevisch de Criatividade.

– Que bacana!

– Você deveria fazer o teste de admissão, Marie. Custa pouco, e você poderia concorrer à bolsa no próximo biênio.

– Sei lá. Duvido que passaria.

– De boa, Marie? Eu não vou ficar nem um pouco surpresa se você passar.

– Quem sabe? Bem... Você nunca me apresentou a nenhum de seus amigos da Mensa. Eles são bacanas?

– Tem de tudo. Vai rolar um encontro hoje. Já ouviu falar do Bar Mutável?

– Aquele do cenário que muda a cada dez segundos?

– Isso! É bem divertido. Vamos juntas?

– Sei lá, Seon... Não é um encontro só de mensans? Detesto ser penetra.

– Relaxe, Marie! É normal levar namorados. Você conhece a turma, e daí decide se quer ser testada.

– O acesso ao Bar Mutável não é muito caro, Seon? Essa contínua mudança de cenário deve ser custosa...

– Caríssimo! Mas aí que está: o bar é de um mensan. A gente não paga.

– Opa! Então vamos lá! – eu digo.

E fomos.



“Bar Mutável” é, de fato, um nome autoexplicativo. Tão logo entramos, caminhamos por entre leões na savana africana e, dez segundos depois, nos vemos atravessando uma grande ponte veneziana. Não só a quantidade de cenários é assombrosa, como também sua qualidade. As coisas possuem uma nitidez sensorial absurda, não há nem o mais vago sinal de pixels. Acaricio a juba de um leão entediado, e a textura é de arrepiar. Ok, é bem verdade que eu nunca acariciei a juba de um leão e não tenho como estabelecer comparações, mas é impossível ignorar cada detalhe que atrai realidade em nossas caras. Até o toque da mão de Seon é mais sólido aqui. Faz sentido: quanto mais caro o lugar, mais reais as sensações. Da última vez que fomos a um parque barato de 10 bitcents, beijar Seon foi como lambe uma parede. Aproveito a oportunidade, não é sempre que se pode entrar sem pagar no Bar Mutável. Puxo Seon contra meu corpo e roubo-lhe um beijo.

– Uau! – exclamo. – Uau! Porra, isso foi...

– Incrível, né?

– Eu achava que seu beijo era bom, mas aqui ele ficou *muito* real.

– Acredite: é igualzinho a um beijo em carne e osso.

O ciúme lança sua flecha, e me acerta em cheio.

– Como você sabe que o beijo aqui é igual a um de carne e osso?
– disparo.

– Ah! Bem... eu já dei um beijo natural, muito tempo atrás.

Eu rio, incrédula, enquanto uma ensolarada praia caribenha se desdobra ao nosso redor, para em seguida se converter em um momento noturno e iluminado pela publicidade colorida de Nova Iorque. Outros frequentadores do Bar Mutável passam por nós, não muito criativos. Só nos últimos cinco minutos, já contei três Marilyn Monroes. Aposto que todas são homens.

– Você já saiu de casa? Conte-me tudo, não esconda nada! – peço.

Antes que ela possa me contar qualquer coisa, o entorno se dissolve em fumaça e se reorganiza. Estamos no alto da Torre Eiffel. A quinhentos metros de nós, uma colina verdejante repleta de girassóis se descortina. Paisagem da Toscana na primavera.

– A galera tá toda ali – Seon diz. – Vamos até lá?

Antes que eu possa responder, ela me dá a mão e saímos voando com nossas gigantescas, virtuais asas de borboleta.



É difícil estabelecer um julgamento sobre meu primeiro contato com a chamada “nata intelectual” do clubinho de Seon. Eles são espertos e arrogantes e engraçados e pretensiosos e bizarros e sem noção, às vezes tristes, às vezes lamentáveis, muitas vezes admiráveis, jamais tediosos ou neutros. Uma ideia me vem com um arrepio, admito: *Seon é um deles*. Gosto de pensar que ela é da ala bacana.

– Você pensa em fazer o teste, Marie? – pergunta um dos mensans.

– Essa aí passa fácil – diz Seon. – Só falta querer fazer.

– Você tem pais e avós mais inteligentes que o normal? – pergunta outro,

– Ah, houveram algumas pessoas – respondo. – Meu pai era inteligentíssimo.

Imediatamente, uma pessoa que estava fora da conversa se vira em nossa direção. Seu corpo é de mulher, mas a cabeça é de um gato branco cujos olhos cintilam em um azul tão intenso quanto cruel. Ela faz cara de nojo enquanto fala:

– “Houveram pessoas”? Querida, nem desperdice seus 75 bitcents no teste.

Eu rio e sinto o rosto esquentar. No mundo real, devo estar vermelha como um tomate hidropônico. Constrangida, olho para Seon enquanto respondo:

– Desculpe, eu quis dizer que *houve* algumas pessoas. Eu costumo me atrapalhar com o verbo “*haver*”.

– Não se preocupe, meu amor – interrompe Seon, segurando a minha mão. – Esse é um erro bobo, ninguém liga pra isso.

A mulher-gato sorri em um esgar de desprezo, exibindo caninos afiados.

– Fale por si. Erros de português são como socos em meu estômago.

Antes que eu ou Seon possamos responder qualquer coisa, a mulher-gato olha na minha direção, e dispara:

– Mas não se preocupe, meu bem. Você pode frequentar nossos *happy hours* como convidada de sua namorada. Na Mensa, estamos

acostumados com amantes de QI normal... Até mesmo com os de QI subnormal. – Ela então nos dá as costas e caminha para longe, não sem antes afiar suas garras em mim uma última vez. Ela para, olha para trás e sibila: – Aproveite o Bar Mutável, Marie. Seon beija muito bem, e um beijo aqui é quase igual aos que um dia demos na Zona Preservada.

Um silêncio tão improvável quanto constrangedor recai sobre o grupo, interrompido por um longo suspiro de Seon.

– Foi com ela o seu beijo ao vivo? Na Zona Preservada? – pergunto, na lata.

– A gente pode mudar de assunto? – Seon pede.

.O clima pesa, mas não dura mais que um minuto. Estamos diante da cratera do Etna em plena atividade, a lava irrompe belíssima diante de nós. Eis que de dentro da cratera emerge um demônio vermelho de dez metros que se inclina em nossa direção e fala com voz de trovão, liberando um vento de setenta quilômetros por hora que fustiga nossos cabelos virtuais: *AS MENINAS ESTÃO CURTINDO?*

– Ehrenberger – diz uma mensan aleatória, antes que eu pergunte. – É o dono do Bar Mutável. Ele está sempre bêbado, mas é bacana.



É março de 2046 quando me submeto ao teste de admissão ao clubinho de superdotados de Seon. Não estou especialmente empolgada com a ideia de pertencer a isso. A verdade é que só faço o teste porque estou apaixonada, e gente apaixonada tem essa tendência a querer fazer parte da vida do outro em todos os detalhes. E, bem, é verdade que também não quero deixar Seon sozinha em eventos com aquela insuportável mulher-gato.

Um psicólogo comparece pessoalmente à minha casa, trazido por um veículo à prova de poluição, raios UV e balas. A Mensa teve mais bom senso que papai. Ele inspeciona minha cabeça, apalpando-a com bastante cuidado. Pergunto se o teste é uma análise lombrosiana.

– Oh não, nada disso – ele responde, rindo. – O teste tem de ser feito ao vivo porque é preciso inspecionar se o candidato usa algum tipo de implante de melhoramento transumano.

- Como assim?
- Há vários tipos. Tecnologia Ultrax, implantes Transmind... Tecnologias experimentais de ampliação artificial da inteligência. Mas você está limpa.
- Tem gente que trapaceia pra passar em um teste de inteligência?
- Ah, minha cara, tem de tudo neste mundo...



Dez dias depois, o resultado é enviado por e-mail. *Quase* passei. A Mensa seleciona os 2% mais inteligentes, e eu bati na trave. Fiquei entre os 5%. Mordo os lábios até sangrar, imaginando o sorriso daquela mulher-gato desgraçada.

– Não fique chateada, Marie – Seon me consola. – Como você bateu na trave, poderá repetir o teste em seis meses.

Quando Seon se vai, pesquiso sobre implantes Transmind. De início, mera curiosidade. Daí entendo os detalhes, e um plano se desenha.



É maio de 2047, e decido dar a mim mesma um presente de aniversário bem caro. Por dez bitcoins, um traficante de inteligência das empresas Transmind vem à minha casa. Nem queira saber quantas calcinhas usadas eu tive de fabricar. Quando mostro que meu olho esquerdo é removível, o vendedor abre um sorriso.

– Isso é perfeito! – ele diz. – O problema dos implantes é que a microcirurgia craniana necessária para implantar os conectores deixa marcas externas. O plugue geralmente fica na nuca, e é fácil de identificar quando se apalpa.

– Imagino que dê pra fazer um acesso através de minha órbita ocular.

– Exato! A conexão ficará oculta. Só há uma coisa que não entendo. Você parece uma moça bem inteligente. Marie-Claire Lambert, não? Pesquisei seu nome na web. Você é bacharel em química.

– E daí?

– Os implantes Transmind foram feitos para serem usados por pessoas com deficiência intelectual acentuada. Com uma recarga que custa 5 bitcoins, um sujeito de QI natural 75 consegue passar uns dez meses com o desempenho de alguém com QI 150. Só que o efeito é temporário, precisa ser renovado.

- Eu sei. Li a respeito.
- E quanto mais se repete, menos duradoura é a carga Transmind. O problema, Marie, é que uma pessoa com deficiência cognitiva retorna ao seu estado natural. Não sabemos as consequências em gente com quociente intelectual normal.
- Não tem problema. Eu só pretendo usar isso uma vez – digo.
- Desculpe a curiosidade, mas você já fez avaliação psicométrica?
- Sim. QI 125.
- Uau. Quase uma mensan. E você quer mais? Tudo bem, você tá pagando...

Ele sorri e abre a caixa, exibindo os instrumentos: anestésico, minifuradeira e outras traquitanas. A cirurgia é rápida, eficiente e não demanda repouso pós-operatório. O implante é, de fato, indetectável.

- O valor de sua primeira carga está incluído no da cirurgia. Gostaria de aplicar agora? Recomendo. Se eu tiver que voltar aqui, isso custará meio bitcoin.

Consinto. Ele conecta um cabo finíssimo diretamente no plugue Transmind oculto por meu olho esquerdo e me oferece um tablet para que eu autorize a carga: “IMPLICAÇÕES LEGAIS – Ao clicar em CONCORDO, demonstro estar ciente de que a tecnologia Transmind é experimental. Deste modo, assumo as consequ...”

Concordo.

O traficante de inteligência sorri para mim e diz:

- Feche os olhos, Marie. Talvez você sinta um formigamento na cabeça.



Quatro horas após o representante da Transmind ir embora, eu ainda estou parada olhando para o teto, invadida por uma paz indescrevível. Mamãe passa por mim algumas vezes, sempre a conversar com seu fantasma eletrônico a quem ela chama de “meu amor”. Em um determinado momento, ela se dirige a mim:

- Marie, seu pai está triste porque você não dá nem bom dia pra ele.
- Não, papai não está triste – respondo, sem tirar os olhos do teto.
- Ele está morto. E você está em negação.
- Marie! Não diga absurdos!

– Tão logo você enfrente a negação, entrará nas fases seguintes do luto. Raiva. Tristeza. Aceitação. Superação.

– Marie! – ela grita, e vai para o quarto. Ouço seus soluços enquanto ela quebra objetos. Raiva. Ótimo. Como pude tolerar essa negação ilógica por tanto tempo?

Seon me convida para um passeio pelas ruas do Recife antigo. Está rolando uma promoção de apenas 30 bitcents. Agradeço, mas declino. Estou com um desejo incontrollável de estudar estereoquímica. Diastereoisômeros. Além disso, preciso dormir cedo. Amanhã, o psicólogo da Mensa vem aqui em casa.



Durmo com uma profundidade que há muito não experimento. Sonho com papai a discorrer sobre métodos espectroscópicos de identificação de exoplanetas. Acordo com a campanha. O mesmo psicólogo vem me atender em casa.

– Ah, você de novo – ele diz, suando bicas. – Bem que achei o endereço familiar. Menina, passei por um apuro... A avenida Paulista tá um sufoco só. Protesto de externos contra o governo. Essa gentalha insiste em mamar nas tetas...

– Irrelevante – interrompo. – Nosso tempo é exíguo, e tenho coisas a fazer.

O psicólogo permanece inerte por alguns segundos. Parece perturbado.

– Algum problema? – pergunto.

– Nenhum. Vamos à inspeção?

Concordo, e ele apalpa a minha cabeça em busca de implantes.

– Tudo certo. Vamos começar... Marie, você tem quarenta minutos – ele anuncia, me oferecendo um tablet. Vejo as sessenta questões. Há algo estranho.

– Este é o teste que o senhor me trouxe da última vez? – pergunto.

– Com algumas variantes, mas é a mesma coisa. Algum problema?

– Parece diferente – respondo, enquanto levo cinco segundos para assinalar a resposta correta de cada questão. Em cinco minutos dos quarenta que tinha, finalizo. O psicólogo me olha estranho. Da primeira vez, ele não parecia tão *idiota*.

– Não costumo dar resultados imediatos – ele diz. – Eu até poderia,

é tudo automatizado... Mas prefiro reunir os testes dos candidatos do mês, daí ofereço todos os resultados juntos...

Não entendo por que ele fala tão devagar. Parece um retardado. Não consigo tirar os olhos de sua boca, enquanto ele a move de forma apalermada.

– ...No seu caso, vou abrir uma exceção. Você não apenas acertou tudo, como bateu um recorde em termos de tempo de resposta. Se importa se eu aplicar outro teste?

– Não, não me importo – respondo.

E ele me aplica testes de memória. Testes de lógica. De estratégia. De matemática. Outros testes de reconhecimento de padrões. Começo a me entediar, quando ele enfim interrompe os procedimentos. Por que está suando? Não está calor.

– Eu não sei nem o que dizer – ele fala.

– Então nada diga – respondo. – Por favor, conclua. Perdi muito tempo com essa tolice. Quero voltar aos tópicos sobre ciclo-hexanos dissubstituídos.



Ao longo de três meses, tenho a oportunidade de frequentar vários encontros do clube de superdotados. Me questiono por que afinal eu quis tanto fazer parte disso. Eles são pueris, ingênuos, procrastinadores, levianos, lentos, e gostam de opinar sobre o que deveras ignoram. Seon está diferente. Insegura, demanda atenção, insiste em querer fazer passeios sem sentido. Gosto de mantê-la por perto, ela satisfaz minhas necessidades sexuais. Às vezes fico a pensar se a masturbação com simulacros não seria emocionalmente menos cansativa. Simulacros não precisam discutir o relacionamento. Seon tem chorado muito. Acha que não gosto mais dela. Eu gosto. Ou, melhor dizendo, *lembro* que gosto. Fiz tudo por ela, afinal. Sim. Lembro que fiz tudo isso por ela. Para fazer parte. Para que não precisasse ter vergonha de mim. Se ela soubesse, tenho certeza de que me agradecerá. Uma pena que esteja com essa súbita mania de chorar por qualquer coisa.

Humanos podem ser bem confusos.



A partir do quarto mês, as coisas parecem melhorar em minha

relação com Seon. Volto a sentir vontade de passear com ela. Estou menos impaciente, e ela também não tem chorado. Ela diz que precisamos de mais tempos juntas. Só sei que *eu* preciso de um agente quiral de efetivação que seja enantiomericamente puro para o próximo experimento. Arranjei um emprego ótimo como engenheira-chefe de uma magnífica empresa com filiais por toda a Zona de Livre Mercado. Chega de vender calcinhas. Ganho o suficiente para que mamãe possa parar de trabalhar e passe tempo integral com seu brinquedo favorito, o marido eletrônico. Nem sei por que um dia me incomodei com isso. É como o doutor Gabriel disse: se ela está feliz, isso é o que importa. Seon, por outro lado, não cessa de caçar problemas, por mais que eu me esforce para descer ao nível dela. Queixa-se de que meu trabalho se tornou mais importante que nossa relação.

Às vezes, sinto inveja da realidade pragmática de mamãe.



No sétimo mês, levo uma bronca. Segundo meu chefe, tenho tido problemas de rendimento. De fato, tenho andado distraída, sinto saudades de Seon. Na reunião, meu chefe esclarece: continuo ótima, mas antes eu era “esplêndida”. É provável que o efeito da carga Transmind esteja passando. Chato, isso.



No décimo mês, é evidente que retornei ao meu processamento intelectual normal, só que antes eu não tinha enxaquecas. Abstinência Transmind, li a respeito, e sei que melhora com o tempo. Mantenho meu emprego, e o preço disso é não ter horas de folga. Preciso trabalhar mais para obter os mesmos resultados. Seon diz que eu não pareço mais estar possuída, diz que eu voltei a ser o que era, e que isso a faz feliz. Eu também estou feliz, ela parece linda como nunca, quero estar ao lado dela. Só que não tenho tempo! Preciso manter o rendimento, ou perco o emprego em um momento crucial do desenvolvimento laboratorial.

Acho que uma dose a mais de Transmind não irá fazer mal.



A ideia de ir a mais uma reunião da Mensa no Bar Mutável me irrita um pouco, sobretudo após a recarga Transmind. Há uma ou duas pessoas ali à minha altura, mas as demais me cansam. Devo admitir que, dentre as cansativas, Seon está incluída. Tenho dúvidas se quero continuar a namorar com ela. Suas exigências emocionais são deveras desgastantes. Tenho dúvidas se quero namorar com quem quer que seja. Sexo avulso é suficiente. Queria que ela me deixasse em paz. Que me deixasse trabalhar.

Caminho pelo Bar Mutável, admirando as configurações de realidade virtual. Ehrenberger, dono do lugar, parece se divertir enquanto me explica tudo o que já sei. Ele agora assume a própria forma em versão mais jovem. Deixo que ele fale e extraia prazer da ilusão de estar me ensinando algo novo. O que seria da vida sem essas pequenas gentilezas? É esperado que eu seja gentil. Empatia é importante. Não cometerei os erros de meses atrás. Li alguns livros de psicologia. Posso não sentir o que dizem que devo sentir, mas sei emular.

Ao longe, vejo Seon a conversar com a mulher-gato esnobe. Não sinto nada. Lembro-me de já ter sentido ciúme por imaginar uma cena assim. Bobagem. É altamente ilógico se incomodar com as interações sociais de nossos parceiros. Talvez eu deva simular ciúme, só para evitar suspeitas.

– Tá tudo bem, Marie? Sua boca tá caída do lado esquerdo – diz Ehrenberger, me trazendo de volta. Ele me estende um espelho virtual. Antes que eu possa olhar para minha imagem, vejo algo que não deveria estar aqui:

Meu pai, sentado em uma mesa do Bar Mutável.

Uma mulher se aproxima dele, põe as mãos sobre seus olhos e diz *adivinhe quem é*. Eu sei muito bem quem ela é. Mamãe.

– Marie? – Ehrenberger chama. – Você tá bem? Parece que viu um fant...

– Você conhece aquele homem? – pergunto, enquanto aponto para a imagem de meu pai.

– Ah, sim. Gabriel, médico. Ele também é da Mensa, mas quase nunca vem aos *happy hours*. Pinta aqui de vez em quando com uma das namoradinhas.

– Ele costuma vestir aquela imagem?

– Quando tá com aquela moça, sim. Bonitão, o sujeito. Dizem que é a imagem de um cara morto. Astronauta, acho.

– Astrofísico – respondo. Com um gesto, desfaço o espelho virtual, deixo Ehrenberger falando sozinho e caminho na direção de “papai”. – Doutor Gabriel? – chamo. Mamãe está no colo dele, beijando-o. O sujeito se levanta, assustado.

– Marie?! O que você tá fazendo aqui?

– Sou membro da Mensa há mais de um ano.

Mamãe continua a sorrir com o olhar embotado.

– Marie, querida! Que coincidência! Nunca mais saímos em família!

Sinto um calor crescente em minhas entranhas. Os pensamentos irrompem como fogos de artifício, a sugerir dez maneiras diferentes de matar o doutor Gabriel.

– Você está usando a forma de meu pai. Mude-a – digo.

Gabriel se limita a me oferecer um sorriso amarelo.

– Eu paguei por ela, Marie.

– É o direito de imagem de um homem morto, Gabriel. Você está usando isso para trepar com uma paciente mentalmente avariada. Pare.

– Marie, não seja grosseira com seu pai! – diz mamãe, lacrimosa.

É demais pra mim. Gabriel não muda de forma, mas eu mudo. Torno-me um tiranossauro de cinco metros e o ergo no ar como o rato que ele é.

– Socorro!!! – ele grita. – Tirem essa louca de cima de mim!

Em meu quarto, invado facilmente o sistema do Bar Mutável. Ehrenberger, Ehrenberger, a segurança de seu sistema é uma verdadeira porcaria. O cenário se converte em um rio de merda, todos gritam. Eu me lixo. Minha voz virtual ressoa: *SOLTE! A IMAGEM! DE MEU PAI! AGORA!* Tudo o que o doutor Gabriel faz é chorar e repetir *mas eu paguei, eu comprei, tenho direitos*. Na estranha concepção de mundo daquele homem triste, nada há de errado em emular a imagem de uma pessoa morta. Não me importei quando vi fazerem isso com James Dean e Marilyn Monroe. Mas, com meu pai, é intolerável. Não vou permitir. Não importa que essa indecência seja naturalizada. Uma voz no fundo de minha cabeça insiste em lembrar que esta lamentável concepção de mundo que concede qualquer coisa a quem tenha dinheiro para pagar não é uma exclusividade de Gabriel.

É de meu país.

Pensar nisso só me deixa ainda mais furiosa. Enquanto chacoalho Gabriel de um lado para o outro no ar, mamãe chora e chuta minhas pernas gigantesecas. Ela me chama de egoísta, de invejosa, de ciumenta, e grita que eu deveria ter morrido, não papai. Também grita que a culpa é minha, minha, minha. Uma dor de cabeça me ataca. Diante de mim, vejo dez superdotados boquiabertos absolutamente patéticos, nenhum deles à minha altura. Vejo uma moça ridícula, minúscula, ela chora, pessoas irritantes que choram por qualquer coisa, gentalha deplorável.

– Marie, pelo amor de Deus, pare! – grita a moça. Ela até que é bonitinha. Quem é ela? Tão familiar... O lado esquerdo de meu corpo para de responder no exato momento em que atiro o doutor Gabriel pelos ares. Ele desaparece antes de cair no rio de bosta. Pelo visto, desconectou. Mamãe continua a chorar e a me chutar e arranhar, e eu tento dizer *vai ficar tudo bem agora, vou cuidar de você*. É quando a escuridão me invade por todos os lados.



Seon deve gostar mesmo de mim, pois, tão logo eu desapareço do Bar Mutável, ela sai de seu condomínio com corpo e tudo. Após pagar uma pequena fortuna para um exterior, ele a leva de moto e a deixa em minha casa em menos de vinte minutos. Nunca imaginei que morássemos tão perto uma da outra. Espero que tenha tido a prudência de pelo menos usar um filtro nasal, a quantidade de material particulado no ar é insalubre. As autoridades milicianas desbloqueiam o acesso dela ao meu condomínio, e sou achada no chão da sala. É a primeira vez que nos encontramos fisicamente, e nem estou adequadamente vestida. Alguém fala em acidente vascular cerebral. Nem quero imaginar quanto Seon gastou com a ambulância e o médico. Vou ter que vender toneladas de calcinhas para pagar por isso.



Os meses se passam, e eu não dou sinal de recuperação. Presa em meu próprio corpo. Raciocino, sinto, mas não consigo me mover. Ouço tudo o que dizem, e é sempre sobre mim. Perco

meu emprego, claro. Do que adianta ter uma mente funcional se não consigo agir no mundo? O plano de me manter internada em uma clínica, ao cuidado de enfermeiros, é descartado, dado o custo proibitivo. O médico sugere que mamãe cuide de mim, mas ela não quer. Não me reconhece como filha. Na reunião com o médico e Seon, mamãe aparece ladeada não só por um marido virtual, como também por uma versão de mim mesma quando tinha dez anos de idade. Lembro do dia dessa holofilmagem específica.

– *Minha* filha? – diz mamãe, ao me ver, com um sorriso de incredulidade. – Creio estar havendo algum engano, doutor. Essa mulher aí não é minha filha, não. Minha filha está aqui ao meu lado, o senhor não vê?

Minha imagem virtual mais jovem está entretida, analisando algo em um microscópio. *Veja, mamãe, protozoários!*

Eu fui mesmo uma criança bonita.



Seon decide assumir a minha guarda, essa doida. O médico sugere eutanásia, já que o processo está *felizmente desburocratizado* e que, na incapacidade mental de minha mãe, é possível autorizar uma injeção letal. Torço para que ela aceite, mas ela rejeita a ideia. E ainda fica ofendida. Maluca. O médico diz que as minhas possibilidades de recuperação são bastante remotas. Overdose de Transmind. *Esse treco não é adequado para pessoas com quociente intelectual muito alto*, ele diz. Seon tenta processar a empresa. Tudo em vão. Eu assinei ciência do processo e concordei com tudo.

Quem mandou não ler?

Mas Seon não quer eutanásia. Ela me banha e me limpa todos os dias, dorme abraçada comigo e diz que me ama até quando eu me cago toda. Eu quero dizer que também a amo, eu sei e sinto que a amo, mas nada sai de minha boca. Faço um esforço imenso para mexer pelo menos os dedos dos pés sempre que Seon me pede pra tentar. Nada. Não funciona.

Seon consulta o médico todos os meses. 1 bitcoin por consulta, caríssimo. Ele diz que não há estudos de caso sobre situações como a minha. Diz que *talvez* eu um dia volte, nunca se sabe. Diz que devo ser intelectualmente estimulada, diz que Seon deve falar comigo

como se eu pudesse ouvi-la. E eu posso, eu posso, só não consigo demonstrar.

Um ano se passa, então dois. Seon tem chorado menos, mas às vezes chora, e eu só queria morrer. Ela insiste, persiste. Me leva para passeios virtuais, me conta histórias, janta comigo, finge que eu respondo, me acaricia, me beija. Teimosa. Às vezes me pego pensando sobre qual a diferença entre ela e mamãe. Um dia, testemunho um amigo dela verbalizar meus pensamentos.

– A diferença é que Marie está viva – Seon responde.



É 31 de maio de 2050, uma terça-feira como qualquer outra, aniversário de minha vida, mas também da morte de meu pai. Seon veste as roupas de realidade aumentada e gasta algum tempo me limpando, para então vesti-las também em mim. Em duas horas, ela dará mais uma aula de classificação estelar para alunos matriculados na plataforma global. Como sempre, Seon gosta de repassar a aula antes e me leva consigo. Sou uma aluna imperfeita. Jamais a interrompo, limito-me a ouvi-la, atada ao involuntário bom comportamento do estado vegetativo. Há professores que sonham com alunos como eu, mas não Seon, jamais Seon. A ela apetezem as interrupções, as perguntas, as discordâncias, as expressões faciais. Lembra demais meu pai.

Com um simples comando gestual dela, o mundo físico se esvai. Semana passada, fomos aos criovulcões de Titã e às nuvens de Ganimedes. Lindos. Diante de nós, desta vez, crepita uma monstruosa estrela vermelha.

– O nosso sol é um grão de areia em comparação a este gigante, Marie. O raio deste colosso vermelho é oitocentos e vinte e três vezes maior do que o raio solar. Não é fantástico? Um perfeito exemplar de estrela vermelha classe M.

Eu conheço isso, papai me mostrou, penso. Quando ainda era possível observar o céu a olho nu, décadas atrás, as pessoas costumavam confundir essa estrela com Marte. O nome está na ponta da língua!

Seon faz súbito silêncio e, por alguns segundos, permanece parada a olhar para mim. Ela sorri e franze as sobrancelhas, como se visse algo de diferente. Se eu acreditasse em telepatia, diria que ela

tinha acabado de me ouvir. Então ela se inclina em minha direção, acaricia meus cabelos, beija meu rosto e tagarela:

– Você está tão linda hoje, Marie. Pois então... Meus alunos costumam perguntar como diabos a gente consegue saber o tamanho de uma estrela tão distante de nosso planeta. Então é aí que tenho a oportunidade de explicar os conceitos de paralaxe e diâmetro angular.

Ela fala, e eu viajo. *Quando eu tinha nove anos, penso, li em algum lugar que antigamente o céu noturno era tão escuro que uma estrela como essa chegava a brilhar como um farol. Duvidei. Papai então me levou a passeios virtuais por jardins encimados por um suposto céu do século XVI. Tão diferente do nosso. Lembro-me de ter medo de cair para cima. Como era possível haver tanta escuridão cravejada por diminutos e nítidos pontos de luz? O céu daquela noite parecia um vestido chique, e havia esse ponto vermelho soberano. Lembro-me de apontar para ele, lembro de papai sorrir e dizer... Qual é mesmo o nome dessa estrela? Tá na ponta da língua!*

– Antigamente, quando o ar externo era respirável e ainda não estávamos fechados em nossos condomínios, os últimos dias de maio eram os melhores para observar esta estrela a olho nu. Você consegue adivinhar a razão, Marie? – Seon para, olha para mim e sorri. Eu sorrio mentalmente, mas nada acontece. Seon continua, e, como sempre, finge que eu respondi. – Isso, querida! Oposição solar! Você é uma menina muito, muito esperta!

Papai já tinha me dito que a observação desta específica estrela vermelha é favorecida no dia de meu aniversário. Tento falar, não consigo, minha cabeça dói, limito-me a pensar: *Ah, Seon, eu sei de tudo isso. Queria tanto mostrar que sei. Se eu pudesse, me levantaria dessa cadeira e mostraria que sei tudo sobre essa estrela, só não consigo lembrar da porra do nome. Eu lembro que ela é uma estrela alfa, mas não é centauri. Minha cabeça dói, por que dói tanto? Eu queria poder pedir um analgésico, queria poder lembrar o nome da estrela pra poder te contar, Seon, contar que não sou burra, nunca fiquei, eu só não consigo fazer as coisas saírem. Virei um saber que não sabe, um conhecer que desconhece, e a estrela é bonita e vermelha, fogo que arde sem se ver...*

– ...Sua massa é calculada como sendo doze vezes maior que a de nosso sol... – Seon continua.

...girando e girando, eu não me sinto muito bem, ferida que dói e não se sente.

Seon, acho que vou vomitar. Tem alguma coisa dentro de mim muito pesada, eu sei eu sei que não é comida, sonda gástrica não deixa ser comida, por causa da sonda é comida que come e não se sente, é contentamento descontente. Por que está tudo tão vermelho, Seon? Por que tão grande e tão vazio e solitário (estar por entre a gente)? Estou cansada, Seon, me leve pra casa, eu quero que você me coloque em nossa caminhinha, cama, camona, camões. Lembro que papai disse que a constelação é Scorpius, o nome tá na ponta da língua. Alfa Scorpii, mas isso é científico nome, e o nome do amor é Seon. Me desculpe, eu só não queria que seus amigos me achassem burra...

– ...décima quinta estrela mais brilhante em nosso céu. Bem... quando era possível ver o céu, né?

...eu só não queria ser solitária, não queria dar trabalho, e agora você cuida de mim, Seon, é um cuidar que ganha em se perder. Minha cabeça vai explodir. Tá doendo, Seon, tá doendo, e desatina sem doer. O que eu faço? Qual é o nome da porra dessa estrela? Eu preciso levantar daqui. Tá na ponta da língua.

– ...você sabe dizer que estrela é esta? – ela pergunta, retórica.

– Antares – ouço alguém dizer, com uma voz pastosa. Muito estranho. Podia jurar que éramos só nós duas aqui. Seon, eu acho que vomitei, tento dizer, mas não consigo. Não brigue comigo, não fique zangada, desculpe. Eu sei que dou trabalho, mas não é de propósito, você cuida de mim, é um cuidar que ganha em se perder. Não me olhe assim, Seon. Por que você me olha assim? Eu não queria vomitar, não queria, não queria.

– Marie?! – Seon exclama, lindos olhos arregalados.

Não chore, meu amor, não chore. Você está tão bonita com esse sol vermelho aí atrás. Se eu pudesse, eu mesma me limparia, mas estou presa por vontade, servir a quem vence o vencedor. Por que dói tanto, Seon?

– Repita! Eu ouvi! Não tô maluca, você falou, você falou, Marie!

Ai! Não me balance tão forte, Seon. Você sabia que o ouro em sua gargantilha não foi fabricado no coração de nosso sol, mas na explosão de uma supernova? Fogo que arde sem se ver! Arde e gira na escuridão do céu, vermelho é a cor mais quente. Por que você está chorando? Não chore, Seon, não chore, meu amor lindo. Juro que não vomitei de propósito.

– Marie, por favor, por favor, repit...

– Antares. Nomi dessestêla Antares, Xôn.

Quem disse isso?

– Marie! – ela grita. *Por que grita? Eu fiz coisa errada, Seon? Eu sempre faço coisa errada, me desculpe, eu não queria errar o verbo haver, queria fazer*

parte, queria poder andar com seus amigos. Me desculpe por ter fodido tudo, meu amor. Mas por favor pare de chorar, Seon. Veja só, a estrela tá indo embora e você tá bem na frente dela e tá toda vestida de vermelho e seu rosto tá todo molhado. Lágrimas brilhantes, vermelho ao fundo, você me abraça e eu te amo tanto, que chega dói. Eu queria poder enxugar as lágrimas de seu rosto. Queria poder levantar minha mão esquerda e acariciar sua face. Epa! De quem é a porra dessa mão fazendo carinho em seu rosto, Seon? Ciúmes! De quem é essa mão a colher suas lágrimas? Água e sal.

– Moléclas di dinoxaulo. Veloxiláptos. Aloxaulos. Xelatopixídeos.

Essa voz, eu conheço sim, parece com a minha. Seon, que abraço gostoso, que choro quente. Se eu pudesse, te abraçaria de volta, mas dói demais quando tento me mover. Queria muito, mas não tem como. Que estranho, Seon. Não lembro de você ter colocado meus braços em torno de seu corpo. O céu ao nosso redor é escuro de dar medo. Não sei onde estamos, acho que um minuto atrás eu sabia, mas esqueci. Há uma luz vermelha ao fundo que gradualmente se afasta. O que ela é? Um minuto atrás eu juro que sabia, Seon, mas esqueci. Talvez seja um farol, daqueles que os marinheiros usavam para retornar pra casa. You'll never be alone, I'll be there for you. Você lembra, meu amor? Jess Glynne cantou em nosso primeiro beijo! Mas que diabos é esta luz? Tá na ponta da língua, Seon.

Talvez seja um farol.

É. Talvez seja.

Conheça mais registros
de mundos de alta
tecnologia e baixa
qualidade de vida.
Acesse agora.

